

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

S425c Schwab, Victoria, 1987-

A cidade dos fantasmas [recurso eletrônico] / Victoria Schwab;
[tradução Marcela Filizola]. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera,
2021.

recurso digital

Tradução de: City of ghosts

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-006-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Filizola, Marcela.
II. Título.

21-70354

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original norte-americano:

City of Ghosts

Copyright © 2018 by Victoria Schwab

Leitura sensível: Lorena Ribeiro

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o
Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-
2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-006-2

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para a cidade
onde guardo os meus ossos.

“Morrer seria uma grande aventura.”

J.M. Barrie, *Peter Pan*

SUMÁRIO

PARTE UM | OS ESPECTORES

- Capítulo um
- Capítulo dois
- Capítulo três
- Capítulo quatro
- Capítulo cinco

PARTE DOIS | A CIDADE DOS FANTASMAS

- Capítulo seis
- Capítulo sete
- Capítulo oito
- Capítulo nove
- Capítulo dez
- Capítulo onze
- Capítulo doze
- Capítulo treze

PARTE TRÊS | CAÇADORES DE FANTASMAS

- Capítulo catorze
- Capítulo quinze
- Capítulo dezesseis
- Capítulo dezessete
- Capítulo dezoito
- Capítulo dezenove

PARTE QUATRO | A RAPINA RUBRA

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

PARTE CINCO | ISSO É TUDO

Capítulo vinte e sete

Agradecimentos

Sobre a autora

PARTE UM

OS ESPECTORES

CAPÍTULO UM

As pessoas acham que fantasmas só aparecem à noite, ou no Halloween, quando o mundo está escuro e as paredes estão mais finas. Mas, a verdade é que fantasmas estão por toda parte. Na seção de pães do supermercado, no jardim da sua avó, no assento da frente do ônibus.

Só porque você não pode vê-los não significa que não estejam lá.

Estou na aula de história quando sinto o *tap-tap-tap* no meu ombro, como pingos de chuva. Algumas pessoas chamam isso de intuição, outras de clarividência. Aquele formigar no limite dos seus sentidos avisando a você que existe algo *além*.

Essa não é a primeira vez que sinto isso — não mesmo. Nem mesmo a primeira vez que sinto isso na escola. Já tentei ignorar o chamado — sempre tento —, mas não adianta. Acabo perdendo a concentração e sei que a única maneira de fazer com que isso pare é cedendo. Preciso investigar por conta própria.

Do outro lado da sala, o olhar de Jacob encontra o meu e ele balança a cabeça. *Ele* não consegue sentir o *tap-tap-tap*, mas me conhece bem o bastante para saber quando *eu* o sinto.

Eu me ajeito na cadeira, fazendo um esforço para me concentrar na aula. O Sr. Meyer tenta corajosamente passar algum conteúdo, apesar de ser a última semana de aula antes das férias de verão.

— ... Durante o fim da Guerra do Vietnã, em 1975, as tropas americanas... — murmura ele, embora ninguém consiga ficar parado e muito menos prestar atenção. Derek e Will estão dormindo de olhos abertos, Matt está trabalhando no seu mais recente aviãozinho de papel. Alice e Melanie estão fazendo uma lista.

Alice e Melanie são as *meninas populares*.

Dá para perceber, porque elas são idênticas — o mesmo cabelo brilhoso, os mesmos dentes perfeitos, as mesmas unhas pintadas —, enquanto eu sou toda desajeitada, bochechuda e com o cabelo castanho e ondulado. Não tenho nenhum esmalte para chamar de meu.

Sei que deveríamos *querer* fazer parte do grupo dos populares, mas eu nunca quis, na verdade. Sei lá, parece que seria muito cansativo ter que acompanhar todas as regras. Sorria, mas não demais. Ria, mas não muito alto. Vista as roupas certas, faça os esportes certos e se importe com as coisas, mas nunca demais.

(Jacob e eu temos regras também, mas são diferentes.)

Falando nele, Jacob se levanta e vai até a mesa de Melanie. *Ele* poderia ser um dos garotos populares, eu acho, com o cabelo loiro desleixado, os olhos azuis e o senso de humor.

Jacob lança um olhar diabólico para mim, então senta na beirada da mesa dela.

Ele *podia* ser um dos garotos populares, mas tem um problema.

Jacob está morto.

— “Coisas que precisamos para a noite de filmes...” — diz ele, lendo em voz alta o papel de Melanie. No entanto, sou a única que pode ouvi-lo. Melanie dobra outro papel, um convite (percebo pelas letras maiúsculas e pela caneta cor-de-rosa), e se estica para entregá-lo a Jenna, que está sentada na frente dela. Ao fazer isso, a mão da Melanie atravessa o peito de Jacob.

Ele olha para baixo como se estivesse ofendido e sai de cima da mesa.

O *tap-tap-tap* continua na minha cabeça, como um sussurro que não consigo ouvir bem. Impaciente, olho para o relógio na parede, esperando o sinal do almoço tocar.

A seguir, Jacob perambula até a mesa de Alice, examinando as muitas canetas coloridas enfileiradas ali. Ele chega bem perto e cuidadosamente leva um dedo até as canetas, concentrando-se inteiramente na mais próxima e cutucando-a.

Mas o objeto não se move.

Nos filmes, *poltergeists* conseguem levantar televisões e empurrar camas pela casa, mas, na vida real, é preciso *muito* poder sobrenatural para um fantasma alcançar o outro lado do Véu — a cortina entre o mundo deles e o nosso. E aqueles que têm tamanha força tendem a ser bem

velhos e não muito legais. Os vivos conseguem extrair força do amor e da esperança, enquanto os mortos se fortalecem de coisas mais sombrias. De dor, raiva e arrependimento.

Jacob franze o cenho ao tentar — sem sucesso — dar um peteleco no avião de papel do Matt.

Fico feliz por ele não ser feito de tais coisas.

Não sei quanto tempo faz que Jacob está *morto* (penso na palavra silenciosamente porque sei que ele não gosta dela). Não pode ter *tanto* tempo assim, afinal, não há nada retrô a respeito dele — a camisa é de super-herói, os jeans são escuros e o tênis é de cano alto —, mas Jacob não fala sobre o que aconteceu e eu não pergunto. Amigos merecem alguma privacidade — embora ele consiga ler os meus pensamentos. Eu não consigo ler os dele, mas, levando tudo isso em consideração, prefiro estar viva e não ter esse poder a ter e ser um fantasma.

Ele olha para cima quando penso na palavra *fantasma* e dá um pigarro.

— Prefiro a expressão “com deficiência corpórea”.

Reviro os olhos, pois Jacob sabe que eu não gosto quando ele lê a minha mente sem pedir permissão. Sim, é um efeito colateral estranho da nossa relação, mas, por favor, né? Limites!

— Não tenho culpa se você pensa tão alto — responde Jacob com um sorriso irônico.

Solto uma bufada, e alguns alunos olham na minha direção. Eu me abaixo na cadeira e esbarro o tênis na

minha mochila no chão. O convite que Melanie passou para Jenna percorre a sala, mas não chega na minha mesa. Não me importo.

Falta pouco para as férias de verão, ou seja, ar fresco, sol e leituras por diversão. Também conhecida como a viagem de família anual para a casa de praia em Long Island, que meus pais alugaram para trabalhar no próximo livro deles.

E o mais importante de tudo, nada de assombrações.

Tem algo sobre a casa de praia — talvez o fato de ser tão nova ou de estar localizada em um trecho calmo do litoral —, mas parece haver menos fantasmas lá do que aqui, na parte norte de Nova York. E isso quer dizer que, assim que acabarem as aulas, vou ter seis semanas inteiras de sol, areia e boas noites de descanso.

Seis semanas sem *tap-tap-tap* de espíritos inquietos.

Seis semanas para me sentir *quase normal*.

Mal posso esperar pelas férias.

Mal posso esperar... mesmo assim, no momento em que o sinal toca, levanto imediatamente, ponho a mochila em um ombro e a alça roxa da câmera fotográfica no outro e deixo os meus pés me levarem em direção àquele *tap-tap-tap* persistente.

— Sei que é uma ideia tola — ironiza Jacob, passando a andar ao meu lado —, mas a gente *podia* simplesmente ir almoçar.

Hoje é *Quinta-feira de Bolo de Carne*, penso, com cuidado para não responder em voz alta. *Prefiro enfrentar os fantasmas.*

— Ei, calma aí — diz ele. No entanto, nós dois sabemos que o Jacob não é um fantasma *normal*, assim como eu não sou uma garota normal. Não mais. Houve um acidente. Uma bicicleta. Um rio congelado. E, para encurtar a história, ele salvou a minha vida.

— Pois é, sou praticamente um super-herói — comenta Jacob, logo antes da porta de um dos armários dos alunos bater na cara dele. Estremeço, mas ele passa direto pela porta. Não é como se eu me *esquecesse* do que o Jacob é — é bem difícil esquecer quando o seu melhor amigo é invisível para o resto das pessoas. Mas é impressionante as coisas com as quais nos acostumamos.

O fato de Jacob me assombrar durante o ano inteiro nem é a parte mais estranha da minha vida. Acho que isso diz muito sobre mim.

Chegamos na bifurcação do corredor. À esquerda, seguimos por outro corredor. À direita, para as escadas.

— Última chance para ser normal — avisa Jacob, já com um sorriso torto. Nós dois sabemos que passamos da normalidade há muito tempo.

Viramos à direita.

Descemos as escadas e atravessamos mais um corredor, contra o fluxo de pessoas indo para o almoço. A cada virada, o *tap-tap-tap* fica mais forte, como se uma corda me puxasse. Eu nem preciso pensar na direção que preciso